"AQUI PUBLICAM-SE LIVROS": OS INTERMEDIARIOS DA LITERATURA NA FORTALEZA DO FINAL DOS OITOCENTOS.

Rafaela Gomes Lima[1]

Resumo : O presente trabalho compõe um dos tópicos da dissertação em construção que visa estudar a produção livreira em Fortaleza no final dos oitocentos. O texto ora apresentado tem como objetivo analisar a atuação dos chamados "intermediários da literatura" na cidade de Fortaleza na última década do século XIX. Ao se estudar a produção livreira na capital cearense no período citado foi observado o importante papel desempenhado por esses sujeitos quais sejam, tipógrafos, encadernadores, editores e livreiros, no desenvolvimento da atividade livreira local. Assim, buscou-se compreender em que como se dava a atuação das tipografias na cidade, bem como a dos demais elementos que constituíam o circuito de produção e distribuição do livro. Para tanto foram realizadas a leitura e análise de anúncios de jornais, inventários de livreiros, literatura de época e frontispício de obras literárias publicadas em Fortaleza. Desta feita pode-se comprovar a importante participação dos sujeitos envolvidos nas diversas etapas da produção, não só de livros, mas de impressos em geral, no crescimento do mercado editorial local, bem como pra o desenvolvimento da Práticas Letradas

Palavras-chave: Fortaleza século XIX. Tipografias. Produção Livreira.

"HERE ARE PUBLISHED BOOKS": THE INTERMEDIARIES OF LITERATURE IN THE FORTALEZA OF THE LATE NINETEENTH CENTURY.

Abstract: The present work composes one of the topics of the dissertation under construction that aims to study the book production in Fortaleza at the end of the eighties. The text presented here aims to analyze the performance of the so - called "literature intermediaries" in the city of Fortaleza in the last decade of the 19th century. When studying the production of books in the city of Ceará during the period mentioned, the important role played by these subjects, typographers, bookbinders, publishers and booksellers, was observed in the development of the local bookshop. Thus, it was sought to understand how the printing presses in the city were given, as well as the other elements that constituted the production and distribution circuit of the book. For this purpose, the reading and analysis of newspaper advertisements, book inventories, periodicals and the frontispiece of literary works published in Fortaleza were carried out. This time it is possible to prove the important participation of the subjects involved in the various stages of production, not only in books, but in print, in general, in the growth of the local publishing market, as well as in the development of Practical Literature

Keywords: Fortress XIX century – Typographies - Book Production.

[1] Acerca do conceito de Capitalismo e economia-mundo ver: WALLERSTEIN, Immanuel.**Capitalismo histórico e Civilização capitalista**. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. & DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**.-2.ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1986.

O urbano e as letras

A cidade, desde os tempos antigos manteve uma relação íntima com a escrita, tornando-se essa necessária para o próprio desenvolvimento dos aglomerados urbanos. Com o advento da imprensa essa relação ficou ainda mais profunda. Leitores e não leitores, alfabetizados ou não, os habitantes das cidades estabeleceram um forte contato com o impresso, pois muitas vezes a leitura se dava não só pela apreensão das palavras, mas ao se decifrarem imagens ou símbolos, presentes em todos os lugares da cidade, fazendo parte de seus "artefatos urbanos"(BARROS, 2012.). Texto e imagem se associam no ato de promover o avanço da impressão e tomam a cidade e seus cenários.

> [...] na cidade, a aculturação ao impresso é quase cotidiana, porque o livro está presente, porque os muros exibem imagens e cartazes, porque frequentes são os recursos do escrito. [...] Num mundo do oral e do gesto, as cidades tornam-se as ilhas de uma cultura diferente, escritural e tipográfica, da qual participa, pouco ou muito, direta ou imediatamente, todo o povo urbano. É na escala dessa nova cultura, apoiada sobre o mais novo de todos os suportes da comunicação, que serão doravante medidas todas as outras, assim desvalorizadas, recusadas, negadas.(CHARTIER, 2004, p. 128)

Na citação acima, Chartier se refere ao impacto gerado pela nova e grande presença do impresso nas cidades do Antigo Regime francês. No entanto, essa situação foi comum aos mais diversos tipos de sociedade.

O final do século XIX viu a palavra impressa ganhar uma importância expressiva, derivada desde o real aumento da produção tipográfica, como da maior atuação dos homens de letras nas questões de ordem social e política. Assim sendo, as discussões mais acaloradas nas cidades quase sempre estavam relacionadas às leituras de livros ou jornais ou embasadas nelas.

Também nesse período Fortaleza ainda sentia os efeitos das transformações, que a atingiram durante os decênios anteriores em diversas áreas: econômica, de infraestrutura, social e política. Isso foi possível graças ao desenvolvimento econômico pelo qual a cidade passou, sobretudo após o incremento da lavoura algodoeira e sua maior integração aos mercados internacionais, à chamada economia-mundo[2]. Essa inserção promoveu também adequação de alguns setores da cidade ao modelo de civilização baseado no processo civilizador capitalista. Adequação essa planejada pelos membros das classes em ascensão.

Os membros dessas classes traduziram as experiências europeias adequando-as em certa medida, às características da capital cearense, assimilaram o modelo civilizador europeu e à sua imagem criaram seu ideal de cidade e assim procuraram impô-lo para os demais setores da

[2] Acerca do conceito de Capitalismo e economia-mundo ver: WALLERSTEIN, Immanuel.**Capitalismo histórico e Civilização capitalista**. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. & DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**.-2.ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1986.

sociedade. E nesse modelo tudo o que se refere às camadas baixas da população deve ser eliminado, quando não, isolado do convívio social. Essa repugnância ao que não é polido, civilizado, é característica do processo civilizador (ELIAS, 1993) e em vista disso providências das mais diversas são tomadas ou ao menos pensadas para acabar com certos hábitos na cidade ou disfarçar sua existência.

Nesse contexto também se encontram os membros do grupo dos letrados da cidade. Esses sujeitos, tendo absorvido as ideias de cunho científico, político, filosófico e literário em voga na sua época, se viam também como porta-vozes do processo civilizador e assim embasavam muitas das ações realizadas pelas elites locais no intuito de adequar Fortaleza aos modelos de civilização dos países centrais do Capitalismo.

Para esses agentes letrados um dos pontos mais relevantes para se alcançar o progresso e um considerável nível civilizacional era a instrução e a cultura. Assim sendo, as práticas letradas tiveram também um papel civilizador, sobretudo no que diz respeito à propagação do ideário do processo civilizador através das conferências públicas realizadas por instituições literário/filosóficas, do apoio à instrução pública, da publicação de jornais, revistas literárias e livros.

Nesse contexto, faz-se importante salientar o papel da palavra impressa como disseminadora de ideias, inclusive por meio dos textos literários. Para que esse papel fosse cumprido era necessária a atuação dos responsáveis pela produção e distribuição do impresso, como os tipógrafos, editores e livreiros.

Os produtores da palavra impressa

No período em questão nesse estudo, a cidade de Fortaleza já estava dotada de todos os aparatos necessários à constituição de um mercado editorial quais sejam, tipografias, oficinas de encadernação, litografias e livrarias. Isso favoreceu o desenvolvimento não só da produção livreira como das práticas letradas em geral.

Com relação às oficinas tipográficas, várias se fizeram presentes desde o início dessa atividade em Fortaleza. Recorrendo ao estudo feito pelo Barão de Studart acerca dos jornais publicados no Ceará, foi possível elencar as tipografias que atuavam em Fortaleza em diferentes décadas dos oitocentos editando esses jornais e outros impressos, algumas delas se mantendo ativas por mais de uma década como a Patriótica, a Brasileira, d'O Colossal, a do *Pedro II* (STUDART, 1898),conforme tabela abaixo:

Tabela 1: Lista das Tipografias atuantes em Fortaleza no Século XIX.

Tipografias atuantes em Fortaleza durante o século XIX

Década de 30	Década de 40	Década de 50	Década de 60	Década de 70	Década de 80	Década de 90
Nacional	Patriótica	Patriótica	Social	Social	Social	Social
Patriótica	Constitucional	Pedro II(J)	Pedro II(J)	Pedro II (J)	Pedro II (J)	Studart
____________	J. Antunes de Oliveira	Brazileira	Brazileira	Brazileira	Universal	Universal
	Paiva & Cia. (Brasileira)	Americana	Americana	Americana	Econômica	Econômica
	De Fco. Luiz de Vasconcelos	Brasiliense	União	União	O Diário do Ceará (J)	Minerva
		Fidelíssima	Industrial	Industrial	O Cearense (J)	Apollo
		Cearense	Cearense	Imperial	A Gazeta do Norte (J)	Ceará Libertador
		Commercial	Commercial	Popular	A Greve (J)	Atellier Louis
		De Fco. Luiz de Vasconcelos	Jornal do Domingo (J)	O Colossal (J)	O Colossal (J)	Popular
			A Liberdade (J)	O Município (J)	Libertador (J)	Litografia Cearense
			A Constituição(J)	O Mercantil (J)		Costa Souza & Cia.
			Aurora Cearense(J)	Imparcial		Braziliense
				De Joaquim de Souza		De José Lino
						Moderna
						Rio Branco
			Liberdade			O Norte (J)
			Castro e Silva			O Figurino(J)
			Nacional			Estado do Ceará (J)
			De José Lino de Paula			Libertador (J)
			De Vicente Ernesto Ribeiro			O Estado (J)
			De Fco. Luiz de Vasconcelos			O Indepen dente (J)
			De José da Cunha Bezerra			O Combate (J)
						O Rebate(J)
						O Operário(J)

Fonte: STUDART, Guilherme (Barão de). Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará.In: **Revista o Instituto do Ceará.** 1898.

A tabela acima contempla as décadas de 1830 a 1890, não constando a década de 1820 pelo fato de nesta ter havido oficialmente apenas uma tipografia na cidade, a Tipografia Nacional[3].Observando a tabela pode-se perceber claramente terem sido as décadas de 1870 e 1890 as mais férteis para o aparecimento de oficinas, sendo os anos setenta aqueles em que mais se observou o aparecimentos de periódicos "[...]em sua maioria de pequeno formato e pequena circulação, mas vários deles dispondo de oficinas próprias com capacidade de impressão de um conjunto diversificado de publicações." (PEREIRA, Op. cit. p. 62).

Muitos são os estabelecimentos pertencentes aos jornais, sendo apresentados na tabela, 21 oficinas ligadas à periódicos entre 1870 e o final do século, já que "Era sob a órbita do jornal que girava a vida de uma tipografia [...] não é sem motivos que a maioria recebeu o nome do periódico." (MOREIRA, 2004, p. 06). Eram de fato, maioria, embora grande parte tenha tido uma existência efêmera. No entanto, várias oficinas prioritariamente ligadas ou não aos jornais subsistiram por muito tempo inclusive atravessando décadas, como é o caso da Social, de propriedade de Odorico Colás, a Brazileira (que não é a mesma Brasileira de Paiva & Cia existente na década de 40 responsável pelas primeiras impressões do *Cearense*), a Americana, a Patriótica e a D'*o Pedro II.*Há aquelas que aparecem ao menos em duas décadas, como é o caso da Universal, a *D'o Colossal*, D'*o Libertador*, Industrial, Nacional, Econômica União e Commercial. Wilson Bóia (1984) se refere a um estabelecimento pertencente a José Lino que existia na cidade em fina da década de 1890 e foi responsável pela impressão dos *Versos Diversos* de Antônio Sales, no entanto, nem o Almanaque do Ceará, nem no estudo do Barão de Studart, encontrou-se referência a essa tipografia mas, como em levantamento prévio realizado das obras publicadas em Fortaleza na última década dos oitocentos, observou-se ter o citado livro sido impresso por essa tipografia, é comprovada sua existência e por isso está presente na tabela acima.

A relação feita a partir do catálogo do Barão de Studart, obviamente não contempla a totalidade dos estabelecimentos existentes em Fortaleza, nem propicia o conhecimento acerca do período certo de atuação, tampouco fornece informações acerca da maioria dos proprietários, o que seria possível através da análise de dados possíveis de serem encontrados na Junta Comercial do Ceará, no entanto não se teve, até o presente momento acesso aos arquivos da citada instituição.

Apesar disso, fica claro o considerável aumento no número de estabelecimentos tipográficos a partir de 1870, período que coincide com o do aparecimento de agremiações

[3] A Tipografia Nacional foi a primeira implantada no Ceará, ao menos oficialmente, por ocasião da Confederação do Equador, com o objetivo de fazer imprimir o Diário do Governo do Ceará, órgão da Confederação. Com a restauração imperial, o Diário passou a ser órgão do governo reestabelecido. Cf.: BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará**: origens da imprensa e da tipografia cearenses. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006.

literárias e filosóficas como a Academia Francesa, a consolidação da cidade como principal centro produtor de manufaturas e porto exportador/importador da Província. Transformações essas que influíram na demanda pela palavra impressa e impulsionaram o setor tipográfico e editorial em Fortaleza, o que proporcionou uma influência cada vez maior dos sujeitos ligados à ele, como os trabalhadores gráficos,os editores e livreiros.

Fala-se em editores ao se referir aos donos das tipografias mas, mais importante até que esses eram os trabalhadores dessas oficinas, os compositores, tipógrafos de fato, esses profissionais garantiam a fama de seus locais de trabalho e dos autores cujos livros faziam surgir. Eram em sua maioria aprendizes e aqueles que se destacavam como referência em seus postos chegavam a isso ainda muito jovens, como no caso exposto por Geraldo Nobre.

> Daqueles mais jovens salientar-se-ia Manuel Félix Nogueira então com 22 anos, por imprimir o órgão liberal da província (O Cearense) e outros jornais e dirigir uma tipografia da qual saíram bons trabalhos gráficos não só para as repartições públicas (material de expediente) como para as escolas (obras didáticas), de modo a credenciar-se como o primeiro impressor cearense de renome.(NOBRE, 1989, p.113)

No entanto, a maioria dos compositores mantinha-se anônima, porém, já no fim dos oitocentos e no alvorecer do século XX os trabalhadores da já indústria gráfica terão grande importância na luta das classes operárias no Ceará, sobretudo no que diz respeito ao uso da imprensa na divulgação de ideias e pautas de mobilização. Os tipógrafos, por motivos óbvios foram uns dos primeiros a utilizar essa ferramenta tendo publicado diversos jornais visando promover a união e a mobilização do grupo na luta por melhores condições de trabalho e mudanças sociais. Dentre esses jornais podem ser citados *O Typografo* (1866), *O Colossal* (1878) e *A Greve* (1882), exemplos que mostram a coesão do grupo em diferentes décadas (PEREIRA, Op. cit.).

A cidade teve, além de Manuel Félix citado por Geraldo Nobre, outros tipógrafos de destaque, como o próprio Joaquim José de Oliveira, por muito tempo responsável pela impressão do *Pedro II* e Teotônio Esteves, proprietário da Americana, tipografia que imprimia *O Meirinho*, jornalzinho ao qual recorreu Antônio Sales para publicar seus primeiros escritos, "Recorda-se o autor de Retratos e Lembranças que essa tipografia ficava numa 'casinha de taipa muito baixa, mais funda dentro que a própria rua, onde havia umas velhas caixas de tipos, e um velhíssimo prelo, que imprimia por um verdadeiro milagre'".(BÓIA, Op. cit, p. 75).

Parece precária, mas a situação de funcionamento da Americana era comum a muitas outras tipografias que não tinham muitos recursos, nem equipamentos. Para se ter uma noção de como era equipada uma tipografia em Fortaleza no final dos oitocentos pode-se recorrer ao inventário de Gualter Silva, pois no setor do documento referente à tipografia herdada por sua

esposa, também constante dos bens do casal, é feito um levantamento dos objetos constantes na dita oficina, os quais, com seus respectivos valores são apresentados abaixo:

1 Prelo e accessorios (velhos)	275
1 Machina de cortar linhas (s/ valor)	
1 Machina de perfurar	45
7 Caixas para typos	25
1 Armario velho com [...] grandes e pequenas	35
2 Cavalletes para caixas	8
2 Armarios velhos	6
1 Maquina de tirar provas (?) (s/ valor)	
57 Papeis pós d'ouro, prata e bronze	50
7 Ks tintas pretas e de cores	14
2 Componedores	2
2 Costa-pás - um grande e um pequeno	2
Typos velhos	268
1 Prelo novo com duas peças inutilizadas	770
Factura de typos	200
	1700[4]

A leitura da lista acima permite concluir que mesmo uma tipografia com mais investimentos, como a Minerva, de Gualter Silva não era composta de equipamentos ditos "de ponta" para época, como linotipos ou monotipos e sim ainda fazia seus trabalhos utilizando mecanismos tradicionais. A existência entre os itens de um prelo novo pode indicar o interesse do livreiro-editor em melhorar e ampliar seu negócio de impressão.

Apesar das dificuldades algumas tipografias realizavam trabalhos de qualidade e se orgulhavam disso. É o caso do estabelecimento pertencente aos irmãos Costa Souza, composto de tipografia, encadernadora e litografia, responsável pela encadernação e arte de muitas obras publicadas em Fortaleza, na figura abaixo vê-se a propaganda da litografia presente em uma dessas obras, o *Floccos*, de Sabino Batista:



Figura 6: Anúncio da litografia de Costa Souza e Cia.
Fonte: BATISTA, Sabino. **Floccos**. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1894.

[4] Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC. Inventário de Gualter R. Silva. Fundo Cartório de Órfãos. Caixa 72. Data Crônica de 1892.

Através do anúncio estampado no verso da capa do livro - um outro meio de propaganda além do periódico - permite perceber que a dita litografia estava um pouco à frente de muitas de suas concorrentes, pois utilizava equipamentos à vapor, algo já muito comum há várias décadas na Europa, mas nem tanto assim no Brasil, sobretudo nas regiões mais distantes da Capital Federal. Durante a pesquisa não se encontrou referência ao uso, pelas tipografias locais, de equipamentos mais modernos como os monotipos. Embora a propaganda fale sobre "utensílios os mais aperfeiçoados", não se diz claramente quais sejam eles.

Mesmo com restrições o mercado do impresso crescia e a necessidade desse produto fez crescer o número de estabelecimentos dedicados a ele. Segundo o Almanaque do Ceará, no ano de 1899 fortaleza contava com 9 tipografias[5], 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias, ou seja, a cidade estava completamente dotada de equipamentos que possibilitavam a expansão da produção e da comercialização do objeto impresso.

No que concerne à produção livreira, esta era acompanhada, passo a passo pelos autores ou agremiações que incentivavam seus membros a publicar, visto ser muito árdua essa tarefa em terras cearenses, como já foi dito anteriormente. Mas o papel dos prelos de tornar a literatura um agente de comunicação (DARNTON, 2010) estava começando a ser cumprido em Fortaleza pelos seus intermediários.

A Atuação dos Intermediários da Literatura em Fortaleza.

O período da chamada *Belle Époque* foi marcado pelo predomínio de um modo de vida e organização sócio-espacial que virou referência para vários grupos e até mesmo, nações, e o grande diferencial desse período foi a rápida consolidação e propagação de um modelo de civilização, o que foi possível garças ao grande desenvolvimento dos transportes e, sobretudo, das comunicações, principalmente da imprensa. Os impressos no geral foram indispensáveis para a expansão do projeto civilizador capitalista que teve como ponto de partida as nações europeias.

> A revolução cultural ocorrida entre 1890 e 1814 abalou as estruturas mentais, resultando num indivíduo mais homogêneo, muito mais socializado, compartilhando com seus contemporâneos, ainda que espacialmente muito distantes, um horizonte de expectativa relativamente comparável. [...] O folhetim costurado à mão, a biblioteca popular - escolar, no princípio - , o jornal, o livro a preço baixo, a canção vendida nas ruas pelos mascates, os cartões-postais,os volantes, os cartazes, os prospectos, a publicidade, tudo contribuiu para provocar essa mudança capital que constitui o nascimento de uma cultura midiática, nacional e de vocação uniformizante. (MOLLIER, 2008, p. 184-185)

[5] Os estabelecimentos são Odorico Colás, a Econômica, a Ceará Libertador, a Universal, a Apollo, a Minerva, a Studart, a Costa e Souza, o Atellier Louis (as duas últimas possuindo também oficinas de encadernação). Viu-se que esse número não reflete o real, já que o almanaque desconsidera as tipografias dos jornais.

Logo, o livro teve um papel preponderante nesse processo de uniformização de aspectos culturais, seja através de manuais de civilidade, romances de costumes ou apenas apresentando em seu conteúdo algo novo e atraente. E para ter desempenhado essa importante função o livro precisou ser editado e chegar ás mãos dos leitores e é nesse momento que ganham destaque seus principais intermediários, os editores, impressores e os livreiros.

No entanto, o mercado era restrito e aqueles que pretendiam viver do livro deviam se dedicar a mais de um dos negócios citados acima.

> Mantendo boas relações com seus fornecedores, obrigado a procurar trabalho incessantemente para que os prelos não fiquem inativos, e a distribuir a obra com regularidade, fiscalizando o trabalho dos oficiais, retido sem cessar pela fastiosa e delicada tarefa da correcção das provas, que devem ser entregues no prazo estabelecido para que a impressão possa prosseguir, ao mestre impressor, portanto, não lhe falta com que se ocupar. Tanto mais que em geral, detém uma livraria instalada pero de sua oficina. Se consegue lucros suficientes se pode reunir algum capital, torna-se ele próprio editor, às vezes, associando-se,para suportar as despesas da publicação, a outro livreiro, que como ele partilha os riscos e os lucros da empresa, além de se encarrega de escoar uma parte da tiragem. Graças a este sistema, o impressor consegue, algumas vezes, tornar-se um grande editor.(FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 191.)

Foi o caso de alguns livreiros da cidade que viram com bons olhos a possibilidade de aumentar seus ganhos fazendo também às vezes de editor de livros e o nome que mais se destacou nesse processo em Fortaleza foi o de Gualter R. Silva. Já dono da Livraria Gualter[6], ele resolve montar uma tipografia e essa se torna uma das mais importantes e mais requisitadas da cidade, tendo em vista seu proprietário ter cumprido bem o papel de livreiro-editor, que em sua época dependia muito de se manter bem relacionado, primeiramente com os governos e depois com os autores já que "[...] a partir da criação e aplicação das leis de direito autoral, e da liberdade de imprensa, seu êxito dependerá de suas boas relações com o mercado e com os autores". (BRAGANÇA, 2002, p. 64). Gualter então pode ser considerado um negociante bem relacionado, tanto com políticos como o Presidente da província, Caio Prado, como com escritores tais como Antônio Sales, Antônio Bezerra, Oliveira Paiva, o Maestro Alberto Nepomuceno, dentre outros (VENÂNCIO, 2004).

Ao se analisar o inventário do livreiro vê-se que as relações sociais, informais acabaram por fomentar laços comerciais. No setor que trata dos valores devidos a Gualter constam reconhecidos nomes das letras cearenses como o já citado Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, que teve vários

[6] Com a morte do livreiro (1891), a viúva, Izabel Rabello da Silva passou a conduzir os negócios do casal. Com a ajuda do filho, Cezar Silva,administrou a livraria até o final do século XIX e a tipografia Minerva durante alguns anos. Em 1892 um dos fundadores da Padaria Espiritual, o escritor Antônio Sales, exerceu o cargo de gerente da livraria já sob o comando da viúva Gualter. Em 1899 a família não era mais dona da tipografia que passara a ser representada por M. Bezerra, o qual deu continuidade aos trabalhos no mesmo endereço, na Rua d'Assembleia n. 4. A família, provavelmente, se desfez da livraria ainda em 1899, já que a partir de 1900 o estabelecimento passou a ser apresentado nos almanaques como propriedade de Militão Bivar, funcionando na Rua Major Facundo n. 74.

trabalhos impressos na oficina, Antônio Bezerra de Menezes, Álvaro Martins, além de constar também nomes de órgãos públicos como a Biblioteca Pública e a Estrada de Ferro de Baturité.[7]

A atuação de Gualter Silva no mercado livreiro de Fortaleza foi marcada pelo suporte que este dava não só à atividade literária como também ao incentivo á leitura, materializado pela venda de edições baratas e ao mesmo tempo educativas, já que por se ver inserido dentro do círculo intelectual da cidade, acreditava também estar contribuindo para o processo civilizador que se operava na capital cearense. Nesse sentido pôs-se à venda na livraria vários exemplares da coleção Biblioteca do povo e das escolas que teve grande repercussão na Europa e no Brasil.

> Os livros postos à venda seguiam uma tendência do mercado editorial europeu da época que buscava expandir o número de leitores através da criação de coleções populares. Instrumentos de vulgarização científica, esses livros inseriam-se no grande fenômeno editorial europeu, do século XIX: coleções voltadas principalmente para um público mais abrangente e menos erudito. (VENÂNCIO, Idem, p. 06).

Esses livros, mais modestos e de temas os mais variados, ajudaram a consolidar um público leitor e deram pequeno impulso ao comércio livreiro. A maioria dos livros de baixo valor eram de coleções científicas ou obras clássicas já supostamente em domínio público, mas alguns editores passaram então a apostar em novos talentos e editar autores desconhecidos que podiam ter seus livros publicados com menores custos. O que poderia ser um grande ganho para os iniciantes vinha acompanhado de um problema, a questão dos direitos autorais.

A questão ou mesmo a existência dos direitos autorais é relativamente recente, a própria figura do autor é recente, em comparação com a importância da obra literária[8]. Antes da renascença uma obra praticamente caía em domínio público logo após sua publicação, após isso e até o século XVII o que se tinha era privilégio de edição, de venda e não de autoria. Esses privilégios podiam ser temporários ou perpétuos e muitas vezes recaíam também sobre as letras e os formatos dos livros. (MARTINS, 1996). Foram os ingleses os primeiros a criar uma legislação própria para os direitos autorais o ainda no início dos setecentos.

> [...] A partir do século XVII, parece, os livreiros aceitaram, por vezes, prometer ao autor que lhes cedia um manuscrito não reimprimi-lo sem sua anuência e, indubitavelmente, sem lhe pagar nova importância.[...] E, em 1710, novos estatutos outorgados pela rainha Ana vêm regulamentar a questão no plano jurídico: doravante, a posse do copyright é concedida ao autor e já não ao livreiro; é, portanto, a partir de então, o autor que manda

[7] APEC, inventário de Gualter R. Silva. Fundo Cartório de Órfãos. Caixa 72. Data Crônica de 1892.

[8] "Socialmente, o autor é o último elemento que aparece na história do livro. Quando isso ocorre, já as grandes bibliotecas tinham inscrito a sua existência no enorme tombo da humanidade, os manuscritos tinham se transformado em impressos; os tipógrafos célebres tinham conduzido a sua arte a um ponto extraordinário de perfeição. [...] Com efeito, pode-se dizer que até o século XVII a sociedade não reconhece o autor como uma entidade definida: individualmente considerado e celebrizado, conforme o grau do seu sucesso, o autor não tem existência social, não é ainda uma das rodinhas da grande engrenagem. Ele existe como indivíduo, não como membro de uma corporação; nãoé um profissional nem tem problemas profissionais . Muitos , até, acreditavam até que seria vergonhoso ganhar dinheiro com a coisa escrita; mas não o era, contraditoriamente, o mecenato". (MARTINS, Op. cit, p. 392-393).A situação já é bem diferente no século XIX, marcado pelo triunfo do autor, pois segundo Darnton (2010, p. 308) "[...]Tendo sido palhaço na Idade Média, cavalheiro diletante na Renascença, curiosidade nos salões do Iluminismo, no século XIX ele granjeou respeito e, em alguns casos adoração. Hoje não se atravessa uma rua em Paris sem ver uma placa dedicada a algum homem de letras, não se percorre um parque sem encontrar um poeta num pedestal."

> inscrever a sua obra no registro oficial e é considerado seu proprietário.(FEBVRE; MARTIN, Op. cit, p. 223-224.)

Muitas obras tinham um preço baixo no mercado pois pagava-se pouco ou nada aos seus autores, ou seja, um gasto a menos que possibilitava o barateamento do preço da edição. Isso foi motivo de muitas discussões no meio literário brasileiro durante todo o século XIX e além, tendo em vista a falta ou o descumprimento da legislação referente ao tema.

> [...] Na verdade, até 1898, não houve, no Brasil, qualquer lei real de direitos autorais como tal. O artigo 261 do Código Criminal do Império, promulgado em dezembro de 1830, rezava que era crime 'imprimir, gravar, litographar oi introduzir quaesquer escriptos ou estampas que tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brazileiros enquanto estes viverem e dez annos depois de sua morte se deixaram herdeiros'; mas parece que isso permaneceu letra morta. (HALLEWELL, 2012, p. 268)

Nos princípios da República também não foram grandes as mudanças no tema, havia uma cláusula sobre direitos do autor na Constituição de 1891, no entanto, esta só foi de fato respaldada em 1898, e mesmo assim sujeita a variações dependendo do Estado da Federação, Hallewell cita o exemplo do Rio Grande do Sul, onde várias editoras tinham como principal atividade publicar ilegalmente autores de outros Estados (HALLEWELL, Idem.). Ou seja, a falta de aplicação efetiva da legislação prejudicava não só os escritores, mas o próprio desenvolvimento da literatura nacional. Na opinião de Adolfo Caminha (1999, p. 119) é a ganância dos editores que obriga muitos autores "[...] ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos[...]". Para o autor d'*A Normalista*, é imprescindível a criação e a aplicação de leis que defendam os escritores e que lhes garantam o que de direito sobre seu trabalho. Segundo ele "Devia existir um rigoroso tratado literário, em que os direitos do autor fossem claramente expressos, uma lei severa e positiva, estabelecendo medidas contra a especulação, o abuso e a improbidade comercial dos editores."(Idem, p. 122).

No entanto, não só o autor cearense como a grande maioria dos escritores brasileiros tiveram que se sujeitar às regras do mercado editorial e aos interesses dos editores, não só por questões financeiras, por terem alguns, apenas o talento literário para tentar garantir seu sustento. mas por uma questão de valorização pessoal ao verem suas obras publicadas. Logo, "Premidos pelo desejo de dar visibilidade e concretude material para os seus escritos, os homens de letras se viam na situação constrangedora, mas bastante disseminada ao longo do século XIX, de solicitar subscrição para a futura obra. E não raro esses queixumes descambavam em apelos explícitos por práticas de proteção e mecenato oficial."(SCHAPOCHNIK, 2004, p.11)

Enfim, para aqueles que queriam viver da própria pena e não se curvavam aos apadrinhamentos era bem dificultosa a tarefa de publicar, porém havia aqueles que obtinham

sucesso em seu intento, mas mesmo assim ainda enfrentavam outras batalhas com os editores. Muitos autores brasileiros do século XIX, das mais diversas regiões, se queixavam da péssima qualidade dos serviços prestados na maioria das tipografias, devido á falta de estrutura e de mão de obra qualificada.

Aqueles escritores mais atentos à forma não deixavam de fiscalizar o trabalho nas oficinas. Para eles os erros cometidos na impressão atrasavam e prejudicava a venda dos livros o que deixava passando por maus momentos os autores que não recebiam adiantado pelo manuscrito.

Dos autores cearenses parece ser Adolfo Caminha o que mais faz reclamações à atuação dos editores, lembrando que ele teve suas obras publicadas no Rio de Janeiro e não em Fortaleza. Por aqui, não foram encontrados nos documentos analisados, jornais, livros ou periódicos literários, quaisquer reclamações por parte dos letrados referentes aos trabalhos de editores ou de tipografias.

Essas, realizavam todo tipo de serviços referentes ao impresso incluindo a impressão de livros. No recorte temporal da pesquisa, conforme dados do Almanaque do Ceará e a tabela apresentada acima, havia aproximadamente 23 estabelecimentos tipográficos, sendo 12 pertencentes à jornais e 11 independentes, além de 1 litografia, 8 oficinas de encadernação e 4 livrarias.

A maioria desses estabelecimentos localizavam-se na zona central da cidade, área mais beneficiada pelas intervenções urbanísticas realizadas a partir de meados do século, e onde era mais constante a presença e a circulação dos letrados. As diversas oficinas e lojas ficavam bem próximas umas das outras, algumas por terem o mesmo dono, isso facilitava muitas vezes o contato entre seus proprietários criando assim, redes comerciais e de sociabilidades entres eles e também auxiliava a logística do livro, que para ficar pronto tinha que passar por várias oficinas diferentes - tipografia, litografia, encadernação - antes de chegar ao livreiro.

Alguns estabelecimentos possuíam o endereço constante no *Almanaque do Ceará*, outros foi possível localizar pela indicação em alguma obra, como foi o caso da Tipografia de José Lino cujo endereço apresentou-se na leitura da obra de Wilson Bóia. Já no caso das oficinas de encadernação, constam 8 no Almanaque, todavia apenas 6 possuem o endereço disponível.

Observado que a Rua Formosa - atual Barão do Rio Branco - é a que possuia maior quantidade de tipografias, sendo que se localizam nessa rua a Estado, Costa e Souza e Cia., Universal, Attelier Louis e a Studart. Nessa rua também se encontram a encadernadora Costa Souza e Cia.(junto à tipografia), a de Miguel Rodrigues Carvalho e a de Louis Cholowiesçk (mesmo proprietário do Attelier Louis). A única litografia citada no Almanaque também se encontra nessa rua e é também pertencente à Costa Souza e Cia.

Na Praça do Ferreira localizam-se a tipografia Econômica, a encadernadora do Tenente Coronel Antônio Joaquim Guedes de Miranda e a livraria de Joaquim José de Oliveira. A tipografia Ceará-Libertador encontra-se na Floriano Peixoto. Já na Major Facundo eram encontradas a tipografia Minerva e as encadernadoras de Francisco Esteves e Satyro Verçosa. Ainda nessa rua concentravam-se 3 livrarias, a da Viúva Gaulter, a Evangélica de Lacy Wardlaw e a de Satyro Verçosa (contígua à encadernadora), observa-se assim, que desde essa época tornou-se tradicional na rua Major Facundo, a presença de locais dedicados ao comércio de livros, sendo conhecida até hoje como a "rua das livrarias", embora a maioria dos estabelecimentos atuais esteja voltada para o segmento escolar.

Nas ruas Senador Pompeu e 24 de maio encontram-se respectivamente as tipografias de José Lino e Apollo, estando essa última um pouco mais distante da área de concentração das demais oficinas, já quase no limite do centro próxima ao Boulevar do Imperador.

A proximidade entre os locais de produção e venda dos livros favorecia o funcionamento da cadeia produtiva do impresso. Alguns passos dela podem ser observados na seguinte nota do jornal *O Pão*, na qual se comunica a venda de um dos romances de Rodolfo Teófilo *Os Brilhantes*, a nota informa o início da distribuição do livro e elogia as oficinas responsáveis pelo trabalho quais sejam, a tipografia Universal e a litografia Cearense que consta no almanaque como a de Costa Souza e Cia.

> Começou a ser distribuido pelos subscriptores o primeiro volume deste romance de Rodolpho Teophilo.
> A capa executada na Lytografia Cearense é um verdadeiro primor e a impressão, como tudo que sahe das officinas do Cunha Ferro, é esmerada.[9]

Depois de passar pelo processo industrial chega a hora de o livro ir para os últimos intermediários, os livreiros. A citação acima, que na verdade trata-se do anúncio do livro de Teófilo por parte de seus companheiros padeiros, mostra uma das formas de negociação entre o livreiro e o autor, a subscrição, ou seja, "Promessa de tomar um ou mais exemplares de uma obra prestes a publicar-se ou em via de publicação por um preço convencionado; assinatura."(MICHAELIS, 2014). As livrarias também vendiam os livros por meio de assinaturas, para os *Versos Diversos* de Antônio Sales, por exemplo, "as livrarias Oliveira e Gualter, as lojas Democrata e Torre Eiffel e o escritório do jornal Libertador acolhiam assinaturas, custando o exemplar a quantia de dois mil réis". (BÓIA, Op. cit, p. 93). Ou seja, o livro podia ser adquirido antes mesmo de chegar às livrarias, ou em lojas de variedades, já que

[9] *O Pão*, 15/11/1895. p. 7

assim como as livrarias não vendiam apenas livros, esses também eram encontrados em outros tipos de lojas.

Cada livro de autor cearense publicado e comercializado em Fortaleza representava a materialização dos talentos locais e a certeza por parte dos letrados e dos editores de estarem cumprindo com seu papel no âmbito das práticas letradas, de proliferadores da literatura. Para auxiliar na percepção desse sentimento, lança-se mão aqui de um trecho um pouco longo da apresentação da obra de Juvenal Galeno, *Folhetins de Silvanus*, publicado pela Universal em 1891:

> Em vista, pois, do grande merecimento dessas satyras, transcriptas em muitas folhas do paiz; na esperança, ou certesa de prestar um valioso serviço às pátrias lettras, emprehendemos dar-lhes uma edicção definitiva,com autorisação do autor, que generosamente prestou-se a auxiliar-nos nesse proposito.
> Publicadas, como foram, em folha diária, dificillimo se torna já hoje o leitor compulsa colecções para re-le-as, ou ter dessas satyras uma ideia mais exata. Reunindo-as em volume remediaremos o inconveniente, e prestamos muito util serviço ao público ledor, a quem, de resto, nada temos a pedir em favor da obra do eminente poeta, pois estamos convencidos de occorrer a uma necessidade daqueles que felizmente ainda não desamam as bôas coisas da inteligência.[10]

Esses são os parágrafos finais da apresentação do livros que vem assinada como *Os Editores*. Observa-se que eles elogiam o autor, o já consagrado Juvenal Galeno, e a grandeza da obra para justificar a publicação em forma de coletânea das "satyras". Acreditam estar fazendo um real benefício às letras, tanto que o próprio autor os auxilia na execução da tarefa e que estão também prestando um grande favor aos leitores pondo os contos, antes espalhados em forma de volume único, que estão atendendo a uma "necessidade", cumprindo seu papel e que o lucro advindo com a obra, que custava 2$000 cada exemplar, era apenas consequência do cumprimento do dever com as letras.

O livro de Galeno foi apenas uma das várias obras publicadas em Fortaleza durante a última década do século XIX, diversos autores tiveram seus livros impressos, seja diante do apoio das entidades literárias, através das práticas de mecenato ou por esforço próprio. O fato é que esse período foi fértil para as práticas letradas em geral e essa fertilidade pode ser representada, no que concerne à literatura, pela variedade de obras editadas.

[10] GALENO,Juvenal. *Folhetins de Silvanus*. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1891.

Considerações finais

O processo de inserção definitiva da cidade de Fortaleza no cenário da economia mundial promoveu visíveis transformações na Capital. Dentre elas pode ser citada a ampliação das atividades voltadas às práticas letradas, como o incentivo à instrução e à leitura com a instituição de aulas populares e dos Gabinetes de leitura, o aumento do número de periódicos em circulação na cidade e a ampliação das atividades voltadas para a publicação de livros. Tudo isso inserido no contexto de propagação do modelo de civilização baseado no europeu do qual os letrados da cidade se viam como incentivadores e buscavam através de suas atividades letradas expandir o ideário civilizador.

Diante disso, e tendo em vista ser a palavra impressa o principal meio propagador de ideias naquele período observou-se o crescimento das atividades voltadas para a produção e distribuição do impresso, diante da necessidade de atender a demanda por esse produto. Assim sendo, os estabelecimentos tipográficos tornaram-se parte do cenário produtor da urbe e junto deles se estabeleceram também as demais oficinas necessárias para a produção livreira. O trabalho dos editores também foi importante - mesmo diante das acusações de desejar o lucro acima de tudo, inclusive dos direitos autorais - no sentido de selecionar as obras a serem publicadas e de garantir em certa medida, o direito e o reconhecimento dos autores.

Portanto, o papel dos intermediários da literatura é tão importante quanto o do próprio autor, já que é através deles que aquilo que foi escrito chega a seu destino primeiro, o leitor. A atuação dos tipógrafos, encadernadores, litógrafos, editores e livreiros foi indispensável para a expansão da palavra impressa em Fortaleza e para o crescimento do mercado editorial da cidade no final do século XIX.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. - 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 2012.

BATISTA, Sabino. **Floccos**. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1894

BÓIA, Wilson. **Antônio Sales e sua época**. - Fortaleza: BNB, 1984. (Coleção Antônio Sales)

BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira, in: **Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias**, v. XIV, II série, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 57-83, 2002.

BRITO, Jorge. **Diário do Governo do Ceará**: origens da imprensa e da tipografia cearenses. Edição ilustrada. -Fortaleza: Secretaria da Cultura/Museu do Ceará, 2006.

CAMINHA, Adolfo. **Cartas literárias**. - Fortaleza: Edições UFC, 1999.

CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses. Literatura, Imprensa e Política (1873 - 1904)**. – São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no PPGH da PUC/ SP, 2000.

___________________. **Padaria Espiritual. Biscoito Fino e Travoso** – Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do CE, 2002.

CHARTIER, Roger.. Da história da cultura impressa à história cultural do impresso. **Revista brasileira de Ciências da Comunicação**. - São Paulo, v. XXVIII, n. 1, p. 81-104, janeiro/junho, 2005.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**, vol. 1: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

______________. **O processo Civilizador,** vol. 2: formação do Estado e Civilização. - Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro.** - Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.

GALENO,Juvenal. **Folhetins de Silvanus**. - Fortaleza: Tipografia Universal, 1891

HALLEWEL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. - São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 2ª ed. rev. e atual. - São Paulo, Editora Ática, 1996.

MICHAELIS.Dicionário On-line. Disponível em http://michaelis.uol.com.br. Acesso em 15/08/2014.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**. Ensaios sobre História Cultural. - Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008.

MOREIRA, Luciana da Silva. **Tipografias e espaço público na Província de Minas Gerais (1828-1842)**. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em ‹http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/lucianamoreira.pdf

NOBRE, Geraldo.**O processo histórico de industrialização no Ceará**. - Fortaleza: SENAI, 1989.

"O Pão"... da Padaria Espiritual(1892/1895-1896). Edição fac-símile, ACL/BNB, 1982

PEREIRA, Maria Adelaide Gonçalves. **A imprensa dos trabalhadores no Ceará, de 1962 aos anos 1920.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Malditos Tipógrafos**. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/nelsonschapochnik.pdf.

STUDART, Barão de. Catálogo de jornais de grande e pequeno porte publicados no Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará**. - Fortaleza: Studart, 1898.

VENÂNCIO, Gisele Martins. **Lisboa – Rio de Janeiro – Fortaleza**: os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por Davi Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 2004. Disponível em ‹http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pd+/gisellemartins.pdf.

WALLERSTEIN, Immanuel.**Capitalismo histórico e Civilização capitalista**. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.